

Luís Cardoso e a vivência da diáspora: nota sobre a literatura de Timor Leste

Claudiany Pereira¹
claudiany.pereira@pucrs.br
(PUCRS/Uruguiana)

Resumo:

Luís Cardoso e a vivência da diáspora: nota sobre a literatura de Timor Leste

Claudiany Pereira
(PUCRS/Uruguiana)

Resumo: A literatura do Timor Leste, no contexto crítico no qual é ainda desconhecida, pressupõe elementos que são imprescindíveis à sua compreensão, desde a localização geográfica do território até o histórico de resistência às sucessivas invasões colonialistas. Nesse espaço, as palavras servem como instrumento de combate e constituem mais uma força na resistência à colonização e à conseqüente perda identitária advinda com os processos imperialistas. *Crônica de uma travessia*, obra de Luís Cardoso, considerado o primeiro romancista de Timor independente, traz em sua narrativa o constructo imaginário de uma nação emergente.

Palavras-Chave: Luís Cardoso, Literatura do Timor Leste, Identidade Cultural Nacional

Resumen: La literatura de Timor Leste, en el contexto crítico en que es todavía desconocida, presupone elementos que son indispensables a su comprensión desde su ubicación geográfica del territorio hasta su histórico de resistencia a las sucesivas invasiones colonialistas. En este espacio las palabras sirven como instrumento de combate y constituyen una fuerza combativa a la colonización y a la pérdida identitaria que viene con los procesos imperialistas. *Crônica de uma travessia*, obra de Luís Cardoso, el primer novelista de Timor independiente, trae en su narrativa el constructo imaginario de una nación emergente.

Palabras-Clave: Luís Cardoso, Literatura do Timor Leste, Identidade Cultural Nacional

O escritor timorense Luís Cardoso de Noronha nasceu em Cailaco, uma região próxima à fronteira com o Timor Ocidental (Loro Mono), em 1959. Seu pai era pertencente ao ramo étnico calade e língua materna *mambai*, e sua mãe também da etnia

¹ Claudiany Pereira é Professora de Literaturas de Língua Portuguesa na PUCRS/Uruguiana.

calade, era falante de *lacló*. Em casa a língua adotada, que é também a língua da alfabetização do narrador de *Crônica de uma travessia*, foi o tétum. A diversidade lingüística presente no território timorense, portanto, foi uma vivência quotidiana do autor. Atualmente, Cardoso, que teve sua primeira formação nos liceus missionários de Soibada e Fuiloro, no Seminário de Dare em Timor Leste e, posteriormente, em Lisboa, no Instituto Superior de Agronomia, onde se formou em Silvicultura, dedica-se à escrita. Já exerceu as funções de Diplomata da Resistência Timorense no Conselho Nacional de Resistência Maubere, contador de histórias, cronista do Jornal **Fórum Estudante** e Professor de Tétum.

O pioneirismo de Luís Cardoso – que é prosador, porém não o único, num universo marcado pela poesia -, autor de *Crônica de uma travessia*², *Olhos de coruja, olhos de gato bravo*³ e *A última morte do Coronel Santiago*⁴, além de contos publicados em antologias, tais como *Antes da Meia-Noite*⁵ e *Vésperas de Natal*, ambas da Editora Dom Quixote, merece ser constantemente enfatizado, por representar um espaço sócio-cultural complexo como o de Timor Leste. O esquema romanesco da sua primeira obra intitulada *Crônica de uma travessia* é fundado na memória dos episódios que marcaram a vida do narrador, na história do país que passa pela recuperação do tempo colonial, pelo malogro da independência durante os desdobramentos da Revolução dos Cravos, e pela posterior invasão pela República da Indonésia. O narrador que desfia a memória a partir do exílio, revive seus primeiros momentos de vida itinerante, e participa como expectador e sujeito de histórias que compõem a diáspora do povo maubere e da língua portuguesa. Enquanto está nesse local, Timor Leste, seu imaginário volta-se para a metrópole distante, porém, quando busca auxílio em solo metropolitano, e adquire distanciamento geográfico e afetivo de sua terra natal, o narrador dirige seu olhar para Timor, iniciando o resgate dessa memória pela escrita literária. As histórias de desterro

² Foi lançado em 1997, pela editora Dom Quixote, e encontra-se em primeira edição. Já foi traduzido para o inglês, para o francês, para o alemão e para o tétum.

³ Obra lançada em 2001. Encontra-se em primeira edição.

⁴ Obra lançada em 2003. Encontra-se em primeira edição.

⁵ Esta, bem como a outra antologia citada, *Vésperas de Natal*, reúne textos de autores lusófonos, editados pela Dom Quixote.

que compõem a imagem pátria começam pela história de vida do indivíduo que integra a diáspora, assim, Luís Cardoso, por esta obra assumidamente autobiográfica, recompõe fragmentos de si próprio, dispersos no deslocamento.

Crônica de uma travessia é um romance que, por discutir a recuperação da memória do indivíduo, traz para a diegese o universo da alteridade. As histórias de vida dos desenraizados preenchem a fábula romanesca, alertando para a dimensão humanista e para a complexidade sócio-estrutural presente no horizonte da construção de uma possível identidade timorense. Temas como o plurilingüismo que coexiste no território, os conflitos de fronteira interna e externa que integram o imaginário da resistência maubere, bem como o indivíduo que busca identificar-se em relação a si mesmo e à sua ascendência, para depois assimilar a noção de comunidade imaginada na qual está inserido, povoam as narrativas de Luís Cardoso, em especial nesta primeira obra, da qual extrairemos alguns elementos para análise.

O início de *Crônica de uma travessia* localiza sua focalização na figura paterna, a qual receberá uma homenagem no texto. A presença do pai marca um tempo, que é o da infância do narrador decorrido durante o período colonial português, que confere o subtítulo à obra: a época do *ai-dik-funan*. Esse período desperta no narrador o encantamento proporcionado pelo contato com a cultura metropolitana, sendo também aquele tempo em que, embora sob administração colonial, Timor Leste encontra-se pacificado, motivo de ser apresentado, na narrativa, com alguma generosidade do narrador.

A educação dos timorenses, alicerçada na cultura ocidental, em detrimento do saber ancestral timorense, é outro elemento de cultura presente no cotidiano representado. Esse fato é justificado por ser a única forma encontrada, nas colônias, para que os indivíduos alcançassem a ascensão social, que é dada pela assimilação da cultura metropolitana. O narrador sabe desde a infância que sua educação será entregue aos professores catequistas. Em entrevista à autora deste artigo, o escritor Luís Cardoso diz, inclusive, que os homens marcaram o universo da sua infância, primeiro através da

figura paterna, depois pela figura dos professores catequistas. E o saber ocidental, naquele contexto, está diretamente ligado a eles, tanto quanto o saber ancestral timorense está associado à figura feminina. A mãe do narrador, uma única vez identificada na narrativa como “a velha Clara”, ressentia-se da usurpação cultural que lhe é imposta. O pai é enfermeiro, funcionário leal à bandeira portuguesa (*mate-bandera-hum*). Como tal, assimilava os costumes ocidentais conforme o exercício da sua profissão o exigia. A figura feminina é apresentada como guardiã da cultura timorense, da tradição de resistência da nação e demonstra estranhamento com essa condição artificial de estar no mundo. Fato este que confirma a proposição de que o indivíduo, nesse local, encontra-se também em conflito permanente entre o que é imposto pela cultura exterior, e o que é saber adquirido pelos costumes e pelas vivências ancestrais:

Já havia diretrizes oficiais no sentido de os funcionários públicos tomarem como vestuário roupa ocidental, de acordo com as funções que exerciam e chegando a haver prerrogativas extensivas aos respectivos familiares. Minha mãe já se revoltara com o facto, quando, um dia, o meu pai, de regresso a casa com a prestação mensal do ordenado na mão, a informou que os chefes lhe haviam comunicado que as mulheres dos funcionários deveriam substituir o seu traje tradicional pelos vestidos ocidentais. Ela respondeu que há um tempo na vida em que a mudança só pode significar catástrofe. Que não se sentia trajada para o ridículo, vestida de vestido e mascarando a máscara (CARDOSO, 1999, p. 52).

O exercício da profissão dos funcionários públicos prolongava a estrutura do império colonial em Timor, também pela preservação dos mecanismos transculturais dirigidos à colônia. O pai do narrador, quando perde a memória num acidente de avião, busca encontrá-la em tratamento médico na capital do antigo império. A memória será resgatada a partir do contato com a mãe-pátria, a quem sempre serviu, e transforma-se numa possibilidade de saldar uma dívida antiga que a metrópole tem para com seus

funcionários. Afinal, foi na ausência do governo metropolitano que os indivíduos timorenses se tornaram guardiões das vidas na colônia:

Trazia a esperança de encontrar uma merecida recompensa, melhores dias, não tanto pelos préstimos doados enquanto convertido e zeloso funcionário do império, mas, sobretudo, pelo facto de terem sido eles, os Timorenses, a assumir a suprema tarefa de substituir a mãe-pátria distante durante as suas ausências nos momentos difíceis (CARDOSO, 1999, p. 12)

Quando a perspectiva narrativa volta-se para o pai do narrador, a visão sobre o relacionamento da colônia com a pátria portuguesa vem à tona, por um lado, porque ele continuava defensor do império, por outro lado, expressa uma amargura, também assumida pelo narrador, não apenas pelo distanciamento geográfico de Timor em relação à metrópole - pois todas as colônias o são -, mas com o abandono a que Timor foi submetido. Ou, nas palavras de Luís Cardoso, com o desleixo que a metrópole sempre relegou a Timor.

Esse fato, associado ao imbricamento existente entre as culturas pátrias - a portuguesa e a timorense -, pela sobreposição de uma à outra, marca a politização narrativa, a identidade e a imagem de nação que se forma neste jovem Estado. Observa-se também como sintoma predominante nas colônias, incluindo as africanas lusófonas, que há uma espécie de mimese intencional da vida na metrópole, sobretudo representada através dos nomes de vilas, ruas, colégios ou monumentos e pela própria estrutura funcional:

O vale da ribeira de Lacló estendia-se numa longa distância e planície, ladeada por várzeas de arroz; mais tarde um governador aqui tentaria fazer perdurar o seu estatuto, mandando construir uma ponte com seu nome, imitando o outro da mãe-pátria, mas que as águas rebeldes e insubmissas das monções se encarregaram de transformar sucessivamente num monte de destroços - o prenúncio do futuro (CARDOSO, 1999, P. 19).

Quando a associação não é direta, apresenta-se por uma sutil ironia do narrador. Assim, ele informa, por exemplo, que o colégio de Soibada se chama Dom Nuno Álvares Pereira e é “um bastião lusitano encravado no coração de Timor para comemorar uma Aljubarrota distante” (CARDOSO, 1999, p. 49).

Nesse sentido, a escrita de Luís Cardoso mostra-se hermética, pois representa, num primeiro momento, a indeterminação histórica, geográfica e lingüística que é Timor. A história é composta pelo fluxo de consciência do narrador que traz, para o universo ficcional, os mitos e lendas, bem como topônimos do passado timorense. Desse, não apenas a geografia do lugar é necessária para a compreensão do narrado, como também as datas históricas ou os fatos são eleitos pelos nomes dos seus ícones representantes. Não passa despercebido o fato de que muitos dos lugares mencionados são apenas memória que o testemunho de Cardoso e de outros escritores irá restituir ao passado de Timor, porque entre eles, alguns já desapareceram queimados ou destruídos pelo governo indonésio.

Durante a ocupação Indonésia, os professores de português foram mortos e as escolas queimadas, minando, com isso, o uso dessa língua que continuava a ser ensinada na clandestinidade. Também nessa condição, foram lançadas obras de escritores timorenses em apoio à causa nacionalista. Um exemplo é dado pela coletânea de poesias *Enterrem meu coração no Ramelau*, publicada pela União dos Escritores Angolanos. O período da invasão Indonésia correspondeu a um regime de exceção democrática, de exploração econômica, mas, sobretudo, de exclusão cultural, porque foi dirimida qualquer possibilidade de manifestação artística e religiosa que não fosse dada pela oficialidade imposta. Traços peculiares da expressão artística do território foram perdidos durante essas invasões, fazendo com que o imaginário timorense esteja, ainda, em processo de reconstrução.

A divergência lingüística como marca identitária da nação timorense aparece na narrativa de Cardoso pelo ensejo das línguas étnicas, pela inserção da influência da língua inglesa, da *bahasa* indonésia e do latim. Durante a 2ª Grande Guerra, o Japão invadiu o território e deixou marcas tanto pela ofensiva política, quanto pela cultural. O

autor, em entrevista à **Rádio France Internacional**⁶, diz que seu próximo livro retomará o período histórico da presença japonesa em Timor. Sobre esse motivo temático, rememora o narrador, em *Crônica de uma travessia*:

Depois, quando ouvia a minha mãe cantalorar as monocórdicas e melancólicas canções que aprendera com os soldados do Império do Sol Nascente na altura em que se encontrava refém dos Japoneses na aldeia de Ulfu, também ele cantava outras em língua inglesa e era como se a guerra tivesse continuado em minha casa e perdurado em nossas cabeças. Feito o balanço, mais de cinquenta mil timorenses sucumbiram, garantindo a Portugal, até hoje, a continuidade da sua trágica aventura e aos Australianos a soberania de Sua Majestade a Rainha de Inglaterra (CARDOSO, 1999, p. 16).

Essa existência fronteiriça traça a identificação do indivíduo com o universo que assimila para si como sendo o que marca a sua origem. Se de um lado a mãe rememora canções, cuja matriz cultural está centrada na noção de mundo oriental – representando, com isso, a parcela de indivíduos que se imaginam ligados à herança cultural dada pelo orientalismo -, antagonista, portanto, da matriz cultural dada pelo mundo ocidental; de outro está o pai, que assimila para si e se imagina como indivíduo integrante da circunstância referencial marcada pelo ocidente. Com isso, a disputa identitária principia na estrutura familiar e estende-se à coletividade de nação em constante processo, ou nas palavras de Homi Bhabha “unindo a casa e o mundo” (BHABHA, 1998, p. 35).

Além de ser representado como um espaço de conflito, Timor é também um território de exploração econômica, sendo o petróleo o elemento que impulsiona esse processo. As relações comerciais dentro do espaço da nação eram estabelecidas, no tempo colonial, por caixeiros que faziam o intercâmbio de mercadorias, por terra ou por mar. É o caso da personagem Mário Lopes, que terá influência sobre o letramento do narrador. As mercadorias transportadas por individuais, através de pequenos barcos, realizavam a travessia dos elementos (e dos alimentos) advindos do progresso.

⁶ CARDOSO, Luís. Entrevista concedida à RFI, durante o Encontro de Escritores Ibéricos, ocorrido em Paris. Pode ser conferida através do site: http://www.rfi.fr/actubr/articles/071/emission_186.asp; disponível em 28.11.2005.

Luís Cardoso desenvolve em *Crônica de uma travessia* uma forma narrativa em que a ironia é um recurso constante. Tênuo sem ser inocente, percorre tanto assuntos políticos, quanto históricos ou pessoais. O narrador transmite-nos a sensação de que conhece a maneira como a história será interpretada pelo imaginário ocidental. Ou, por outro lado, talvez sua visão já esteja impregnada por esse imaginário - já que ele é também um misto dessa identidade -, que imprime o tom e a intensidade da ironia com que essa história pode ser interpretada. Assim, citamos a travessia de volta a Dili, quando diz o narrador:

Foi assim que deixei os meus parentes na ilha de Ataúro e voltei a atravessar o mar em direção a Díli. Era um dia de temporal e pude constatar quão previdente era o meu pai. Escolheu como complemento do meu vestuário sumaúma. Se tivesse sido chumbo de Macadede, eu ia ao fundo (CARDOSO, 1999, p. 44).

O autor descreve situações vividas, permitindo ao leitor a descoberta pela identificação ou pela associação cultural ou topográfica, por isso refere-se indiretamente aos objetos, locais, situações ou personalidades históricas. Tampouco as aproximações literárias são citadas, elas são descritas em sua natureza, tal como, provavelmente, o narrador a vê, e com o conhecimento que tem no momento em que presencia os fatos. Porém, quando a narrativa se aproxima da sua maturidade, os elementos são analisados conforme ótica político-ideológica que se impõe, sem que a mesma assuma o caráter de protesto observado, por exemplo, nas poesias do período pré-independência. Para usar uma expressão do próprio autor, em alguns momentos da narrativa ele se torna “pedagógico sem ser moralizante”, ou mesmo politizado sem ser assumidamente militante. Deste modo, o hoje presidente da República Democrática de Timor Leste, José Alexandre Gusmão, é o “guarda-redes” da Acadêmica, ou o líder que inflamava os corações dos jovens nas montanhas. Nunca, porém, o líder incontestado, cuja influência é seguida ou admirada diretamente pelo narrador.

Passado o tempo do liceu, os alunos contemplados com bolsa (aqui entram os bons malandros) deixavam as missões e iam estudar na metrópole. Segundo o narrador:

“foi aí que eu vi que quem subia aos céus era quem ficava. O dono do galo erguia o vencedor” (CARDOSO, 1999, p. 83). A metáfora do símbolo cultural de Timor é resgatada para explicar a situação de quem fica e quem parte da terra. Ter um filho embarcado era uma glória suprema aos pais que ficavam.

Roland Barthes afirma que o uso do termo “missão” equivale a uma ausência de sentido que cuja indeterminação de significado é “susceptível de receber um significado qualquer, cuja única função é a de preencher uma distância entre o significante e o significado” (BARTHES, 1989, p. 86). Sendo missão um signo acolhedor de diversas significações que variam entre levar conhecimento através da escola até o aniquilamento no campo de concentração, é diversas vezes utilizada para referir as missões escolares nos territórios do ultramar. Luís Cardoso diz que a missão: “era um conjunto de edifícios de pedra, barro vermelho e telhados de zinco. Era uma autêntica Torre de Babel para onde afluíam jovens de muitas partes de Timor, falantes de muitas línguas” (CARDOSO, 1999, p. 49).

A imagem de nação claramente expressa pelo narrador remete à diversidade lingüística experimentada em Timor Leste. O território assemelha-se a uma Torre de Babel, não somente pela existência de diferentes línguas étnicas, mas também pela relação que estas tem entre si, com o tétum e com a língua portuguesa. E essa multiplicidade, agregada no conjunto da missão, será uniformizada, homogeneizada através da cultura e da língua que transmite a cultura ocidental. Não podemos esquecer que o uso do termo língua de cultura, por vezes referido, precisa de uma ressalva: a de que não se considera cultura apenas a cultura ocidental, pois as línguas étnicas desenvolvidas em Timor Leste também são representativas de uma cultura diferenciada. Logo, quando utilizamos este termo, por falta de uma denominação ainda mais adequada e abrangente da questão, estamos nos referindo à língua da cultura ocidental, oficializada (escolhida) como a língua da representatividade nacional.

Através das narrativas pós-fundacionais, as micro-histórias contadas dão-nos a dimensão da complexidade das discussões políticas acirradas, da formação de uma sociedade itinerante em sua identidade. O conjunto delas permite-nos ter uma visão

alargada e humanista destes conflitos que tomaram parte no cenário contemporâneo, aos olhos atentos de uns, perplexos de outros. Assim, percebe-se o quanto o enfermeiro que defende o *mate-bandera-hum* o faz em nome da família instituída, do provento desta necessidade, e da convicção de que se está fazendo o melhor e defendendo uma nação que, posteriormente, foi aclamada por todos como mãe *máter*; o quanto aqueles que lutam no mato, que resistem nas montanhas, também o fazem pela convicção de que o país quer e merece ser livre da dominação; o quanto, aos olhos da história, parece que a desunião interna facilitou a invasão externa. Enquanto não se tinha formação partidária consolidada, os invasores decidiram, pela força operada e concedida pela história, a determinação política do território. Sobretudo, nas imagens de nação aqui expressas, fica clara a noção de que Timor, por mais reivindicado que tenha sido por várias facções presentes na narrativa: Japão, Austrália, Portugal, Indonésia, sempre foi território de ninguém, pois quando era potência de Portugal foi abandonada ao descaso, quando os indonésios tomaram conta, destruíram seu patrimônio humano e cultural, agora que está nas mãos dos gestores nacionais, carece do recurso estrangeiro para costurar a história destroçada pelas colonizações. E as narrativas destes locais de cultura são parte do resgate dos patrimônios culturais, muitos dos quais só existem na memória destes narradores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. Timor, nos horizontes da língua portuguesa. In: GARMES, Helder. **Oriente, engenho e arte**. São Paulo: Alameda, 2004.

ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1989.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CARDOSO, Luís. *et al.* **Antes da meia-noite**: contos. Lisboa: Dom Quixote, 2003.

_____. **A última morte do Coronel Santiago.** Lisboa: Dom Quixote, 2003.

_____. **Crônica de uma travessia.** A época do Ai-Dik-Funam. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

_____. **Olhos de coruja, olhos de gato bravo.** Lisboa: Dom Quixote, 2001.

_____. *et al.* **Vésperas de natal:** contos. Lisboa: Dom Quixote, 2002.

DUARTE, Jorge Barros. **Timor: ritos e mitos Ataúros.** Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1984.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes:** o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. Trad. Maria Betânia Amoroso, José Paulo Paes e Antônio da Silveira Mendonça. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HALL, Stuart. **Da diáspora:** identidades e mediações culturais. Trad. Adelaine La Guardia Resende et al. Liv Sovik (org.). Belo Horizonte: UFMG, 2003.

JOLLIFFE, Jill. **Timor terra sangrenta.** Lisboa: O jornal, 1989.

LIMA, Fernando. **Timor:** da guerra do Pacífico à desanexação. Macau: Instituto Internacional de Macau, 2002.

MARCOS, Artur. **Timor Timorense com suas línguas, literaturas, lusofonia.** Lisboa: Colibri, 1995.

MATEUS, Dalila Cabrita. **A luta pela independência:** a formação das elites fundadoras da FRELIMO, MPLA e PAIGC. Inquérito Editorial. 1999.

SEIXO, Maria Alzira. A transversalidade das marginalizações. **JL Letras.** Lisboa, 25 jan. 1998. p. 24.

_____. Luís Cardoso: a ficção pós-colonial. **JL Letras.** Lisboa, 02 fev. 2004. p. 22.

_____. Um récit de Timor: Luís Cardoso et la traversée des cultures. **Association Internationale de Littérature Comparée.** Paris: L'Harmattan, 2002. p. 295-302.